

Discurso do Ministro da Defesa, Celso Amorim, no encerramento do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia da ESG

Rio de Janeiro, 28 de novembro de 2014

Sinto-me muito contente em participar de uma cerimônia tão importante como essa, e em poder fazer algumas poucas reflexões. Primeiro, porque me impressiona a vitalidade do CAEPE. Temos aqui na Escola Superior de Guerra homens e mulheres, civis e militares, dos mais diversos recantos do país, das mais diversas formações profissionais, todos eles interessados em algo que está no título da turma, que é ‘Pensar o Brasil’.

Quando reflito sobre esse fato me vem à mente as palavras de um ex-chefe meu a propósito da instituição à qual pertenci durante muitos anos, o Itamaraty. Ele dizia que a melhor tradição do Itamaraty é saber renovar-se. E acho que isso também pode ser dito da Escola Superior de Guerra. O Comandante da Escola, Almirante Leal Ferreira, diz que temos que estar sempre abertos a mudanças, olhando para um novo tempo, enfrentando novos desafios. Essa é a qualidade essencial de uma instituição de ensino onde todos aprendem. A relação de diálogo é o que mais importa. Dou os parabéns à ESG por mais essa turma.

Não posso deixar de congratular a Turma pela escolha de seu patrono, Sérgio Vieira de Mello, a quem eu tive a honra e o prazer de conhecer. Sérgio Vieira de Mello viveu como um diplomata e morreu como um soldado.

Ele simboliza muito do que a nossa política externa e a nossa política de defesa têm procurado fazer pelo Brasil e pelo mundo. Sérgio Vieira de Mello trabalhou pela paz em várias frentes: em relação aos refugiados; em assuntos humanitários; como Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos; e, depois de uma vida relativamente curta – ele era jovem ainda –, aceitou um desafio enorme: foi ser representante da ONU no Iraque.

Lá ele enfrentou uma situação muito difícil, num país que acabara de sofrer uma guerra. Enfrentou também o desafio intelectual de identificar qual seria o papel das Nações Unidas num país que tinha sido objeto – não quero julgar os méritos – de uma ação militar unilateral. Como as Nações Unidas, que não tinham participado daquela intervenção, poderiam ajudar na reconstrução do Iraque?

Menciono essa dificuldade porque ela foi o tema da última conversa que tive com Sérgio Vieira de Mello, em um hotel em Amã, na Jordânia. Eu tinha tido, logo antes, uma entrevista com o Secretário Geral da ONU, da qual Sérgio também participou. Depois, ele pediu para ter uma conversa particular comigo. Tenho certeza de que, onde quer que ele esteja, ele não teria nenhum problema em eu revelar que, nessa conversa, ele pediu ao Brasil que ajudasse a ONU a ter um papel importante na reconstrução do Iraque.

Ele temia muito pelo futuro do Iraque. Hoje, quando vemos o que está acontecendo no Iraque, vemos que o Sérgio Vieira de Mello tinha razão: os problemas que existem são provavelmente tão grandes ou maiores do que aqueles que existiam antes da ação militar.

Ele era um homem da paz, um batalhador da paz, que nunca temeu enfrentar situações difíceis. Na primeira vez em que estive com ele, na missão do Brasil em Genebra, ele servia no Camboja. Depois disso – não estou seguindo a ordem cronológica –, ele esteve presente de forma muito importante no Timor Leste. E, após a segunda guerra do Golfo, aceitou esse desafio tremendo do Iraque.

Uma pergunta que deve ser feita quando se pensa na memória de Sérgio Vieira de Mello é: por que morreu de maneira tão brutal um homem que estava trabalhando pela paz e pela reconstrução daquele país? E quais foram as circunstâncias que fizeram com que a situação do Iraque não permitisse que ele exercesse esse desejo de contribuir para a paz?

Isso me faz pensar no sistema internacional em que nós temos nos inserido. Há uma discussão célebre de Max Weber, o famoso sociólogo, sobre a ética da convicção e a ética da responsabilidade. A ética da convicção é a ética dos santos: eles fazem algo porque acham que aquilo é correto. (Por acaso um filho meu fez um filme agora sobre a Irmã Dulce, que é um bom exemplo do que significa a ética da convicção). Já a ética da responsabilidade é a ética política, a ética dos resultados, e de resultados sustentáveis a médio e longo prazo. Para a busca desses resultados, não é suficiente – embora seja indispensável – ter boas intenções e grandes ideais. É preciso que o conjunto dos meios políticos, legais e militares esteja de tal modo configurado, que a vontade de trazer progresso, paz e bem estar a um determinado país possa se concretizar.

Os brasileiros que estão envolvidos na missão da ONU no Haiti sabem dessas dificuldades. Não é só a vontade de fazer, é também a necessidade de ter condições para que aquilo que a gente quer fazer aconteça. Quando pensamos nisso, temos que considerar as limitações que existem no atual sistema das Nações Unidas. Ao mesmo tempo em que cria expectativas em torno de pessoas como Sérgio Vieira de Mello, esse sistema frustra a realização dessas expectativas. Sérgio Vieira de Mello é um símbolo, mas muitos outros também desapareceram por motivos diferentes.

Nós perdemos muita gente no Haiti: perdemos a Dra. Zilda Arns, perdemos soldados, perdemos o Vice Representante Especial do Secretário-Geral da ONU, Luiz Carlos Costa. No Haiti, ocorreu uma catástrofe natural. Agora, no Iraque, foi uma situação política. Nós temos que pensar nisso profundamente. Às vezes, as ações – mesmo que bem intencionadas, mesmo que por motivações éticas justificadas – podem levar a resultados não desejáveis. Frequentemente, as intervenções militares levam mesmo a situações mais graves do que aquelas que existiam antes.

Basta olhar para o mundo de hoje, para o próprio Iraque, infelizmente. Digo isso com pesar, porque eu próprio me interessei muito pelo tema do Iraque quando fui embaixador da ONU. O país enfrenta hoje uma situação difícil, que gera perplexidade em todos nós. Ao olhar para essa situação, não posso deixar de pensar naquela última conversa que tive com esse ilustre brasileiro. Sergio Vieira de Mello foi um homem de coragem, mas também de muito amor, um amor focado de uma maneira responsável, que queria buscar respostas práticas para os problemas.

Por isso, eu queria parabenizar a turma pelo excelente trabalho que seguramente fizeram, pela magnífica interação – que pude verificar nas palavras dos dois oradores que falaram – e por terem escolhido a Sérgio Vieira de Mello, esse misto de diplomata e guerreiro, a esse homem da paz como seu patrono.

Muito obrigado por terem participado da cerimônia. Parabéns a todos.